

Pôster

PROPOSTA DE ANÁLISE DO EBOOK EM 4 ASPECTOS

Marcos L Mucheroni – USP
Jun N. André – USP

RESUMO

Este trabalho faz uma reflexão sobre o aparecimento do eBook sob três aspectos propostos por Chartier: o técnico, o morfológico o material, e as estes três foi acrescentado um quarto aspecto que é o epistemológico-ontológico. A transformação que sofreu o manuscrito para o livro impresso é inicialmente apenas do ponto de vista da escala da produção, nem mesmo podendo ser considerado o material, pois os livros ainda eram caros e com uma forma ainda muito parecida à do manuscrito medieval. As mudanças técnicas vieram mais tarde com o uso de papel-celulose e as máquinas automáticas de impressão. As mudanças do livro impresso ao e-book podem ser mais significativas do que aparentam neste momento, pois além do aspecto técnico e material, também os aspectos de mudança na própria estrutura ao incluir animações, games e sons; e ao produzirem através da interatividade um papel mais ativo do leitor.

ABSTRACT

This work is a reflection on the emergence of the eBook from three aspects proposed by Chartier: technical, morphological and material, and a fourth aspect were added: the epistemological-ontological. The transformation undergone by the manuscript to the printed book is seen by the point of view of production in scale, and cannot even be considered as a material change, since books were expensive and were still very similar to the medieval manuscript. The technical change came later with the use of paper pulp and printing machines. The changes from the printed book to the e-book may be more significant than they look like at this time since, apart from the technical and material aspects, the change in the structure by including animations, sounds and games, and the creation of interactivity is giving a more active role to the reader.

1 INTRODUÇÃO

O livro impresso influenciou a cultura no início da modernidade ao permitir que o livro manuscrito fosse impresso em escala e, assim, disseminado entre um número maior de leitores. Agora, também o livro digital exerce grande influência. Conforme Manguel (1997) “desde os primórdios, a leitura é a apoteose da escrita”, sendo, **entretanto**, necessário e conveniente refletir como leitor (e não como *geek*), reconhecendo as possibilidades que a tecnologia atual está trazendo.

Um crítico importante, afirma o seguinte sobre o livro digital:

“A revolução do nosso presente é, com toda certeza, mais que a de Gutenberg. Ela não modifica apenas a técnica de reprodução do texto, mas também as próprias estruturas e formas do suporte que o comunica a seus leitores. [...] A revolução do texto eletrônico será, ela

também, uma revolução da leitura. Ler num monitor não é o mesmo que ler num códice.” (CHARTIER, 1994). Assim, conforme Chartier há três mudanças em curso: a técnica, a morfológica e a material.

Contudo, olhar apenas para o *e-book* enquanto recursos e dispositivos é cometer um erro conceitual, pois se negligencia a relevância dos conteúdos. Para engajar leitores em leitura que seleciona aspectos relevantes é necessário compreender quais benefícios o livro digital e seus dispositivos trazem ou, ou seja, entender onde o livro digital ajuda ou prejudica a vida de leitores. Então, complementa-se com um quarto aspecto aos três citados de Chartier, o aspecto epistemológico-ontológico, ou seja, a relação do leitor com o livro que implique os aspectos de conhecimento e cultura.

2 ASPECTOS DE RELEVÂNCIA CULTURAL NOS LIVROS

A relevância da informação é importante para a ligação da informação digital ao ser, conforme observa James Gleick, ao fazer uma analogia da Web atual com a “Biblioteca de Babel” escrita por Jorge Luis Borges em 1941, uma biblioteca mítica, que continha todos os livros e em todas as línguas. “Essa Biblioteca (que outros chamam de universo) abriga toda a informação” (GLEICK, 2011, p. 382), mas tinha “o fidedigno catálogo da biblioteca e os inumeráveis catálogos falsos” (idem). Gleick a relaciona com a informação digital, e em especial à Wikipédia:

“À medida que a enciclopédia on-line gratuita, amadora e colaborativa chamada Wikipédia começou a ultrapassar todas as enciclopédias impressas do mundo em volume e abrangência, os editores perceberam que um número grande demais de palavras e expressões tinha múltiplas identidades” (GLEICK, 2011, p. 383).

A esta nova forma de escrever a Biblioteca de Babel de Borges pode-se pensar nas pessoas anônimas, reunidas apenas on-line, mas que hoje já são mais de 7 milhões.

Este é o novo engajamento do leitor, contudo cabe dizer que a sociedade ainda busca compreender em que momento ela se encontra nessa história do livro – é mais assertivo dizer que se está no meio entre a mudança e o futuro, e mesmo se pensando nos próximos dois meses, tudo ainda é incerto. Ninguém sabe qual nova ideia genial, tecnologia disruptiva ou política cultural irá alterar (muito ou pouco) o universo dos livros, mas ninguém duvida de que eles já estejam aí, tanto no formato digital quanto no impresso.

Clay Shirky (2012) ao contrário de muitos editores cujo pensamento ainda está focado puramente na realidade off-line (ou impressa) e ainda acreditam em um modelo antigo de publicações, afirma que o “publicar” não tem como evoluir uma vez que esta ação se tornou o

simples apertar de um botão – afinal o sentido original da palavra “publicar” é justamente tornar *público, divulgar, propagar*. Entretanto, dito desse modo tem-se a impressão de que todo o mercado foi consumido pela evolução tecnológica, mas simultaneamente ele afirma que muitos serviços ainda serão necessários – entre eles: organização, armazenamento, edição de texto, revisão, design, editoração gráfica etc.

3 PUBLICAR, ORGANIZAR E EDITAR

Pode-se assumir que a “Biblioteca de Babel” de Jorge Luis Borges seja a internet, entretanto o papel de construir a ficção do escritor chamou de “catálogo fidedigno” agora seja a organização da informação disponibilizada em formato digital que tem “catálogos falsos”.

Pode-se assumir, portanto, que embora o tornar público tenha sido facilitado, alguns serviços ligados ao ato de publicar e que agregam valor ao produto, devem ser lapidados e serão necessários (com qualidade cada vez maior). Por essa linha de pensamento, as casas publicadoras se tornarão cada vez mais centros de gestão de serviços onde a capacidade de coordenação de profissionais de competências distintas será a habilidade de maior valor.

Tomando como exemplo o trabalho de construção de um capista, a ideia de que os serviços serão cada vez mais importantes fica mais clara: quem nunca recebeu um *e-book* que na realidade era uma versão PDF de um documento word que acabara de ser revisado? Outra questão é justamente a da produção: um PDF é difícil de ser lido mesmo em um desktop – a não ser que o monitor tenha no mínimo 17 polegadas para que após o zoom, partes do PDF não desapareçam e as barras de rolagem surjam.

Assim a publicação está presente desde o início do novo processo de edição e é seguida pela organização da informação, ou do ecossistema (MORVILLE; ROSENFELD, 2006) que envolve tanto os aspectos de experiência do usuário quanto a coleta usando a encontrabilidade (*findability*) e não apenas a busca (*search*), pois está num universo imenso.

4 UMA ANÁLISE INICIAL DOS QUATRO ASPECTOS

Há séculos, os livros e as bibliotecas têm guardado, ainda que a biblioteca universal seja um sonho, boa parte da informação produzida pela humanidade e têm sido ao mesmo tempo o principal vetor da disseminação destes conteúdos. O exemplo clássico é o da Bíblia ou ainda o da Bíblia de Gutenberg que sintetiza não somente o objeto livro, mas também a passagem para um mundo pós-invenção dos tipos móveis (105 d.C.). Com tal invenção, a humanidade pôde consumir livros com mais velocidade, uma vez que o modo de produção se tornou mais rápido, mas há dois séculos a indústria editorial dava seus primeiros passos.

Um dos raros historiadores do livro não deixou de estudar o aspecto técnico como fundamental, Henri Jean Martin, feito em conjunto com Lucien Febvre com o título de “O aparecimento do livro” (MARTIN; FEBVRE, 1992), teve a primeira publicação em 1958, considerado como fundador da história do livro ou, ao menos, de uma nova história do livro.

O livro impresso passou por várias evoluções técnicas até chegar ao livro de papel celulose como é conhecido hoje, com custos razoáveis ao bolso de uma pessoa comum. O preço do papel e o códex vão ter uma forma mais “popular” (o acesso à educação é um direito recente e não ainda universalizado). No final do século XVIII, Febvre e Martin (1992, p. 128) informam que os primeiros livros impressos eram desprovidos de título na primeira página como o convencionado, ou seja, na primeira folha separada. As normas técnicas tipográficas eram condicionadas a registrar na última página o nome do tipógrafo, o local da impressão e o colofão (nota final no livro que reproduz ou completa o frontispício).

Assim, o livro como é conhecido atualmente em sua morfologia é bem mais recente.

Depois vieram bem mais tarde novas formas de comunicação, como o telefone, o rádio e o cinema, que construíram uma indústria cultural de massa, valores e ideias eram induzidas na população e uma enorme sociedade de consumo foi criada. Agora entramos numa época em que os dispositivos e recursos digitais se proliferam, numa velocidade maior do que supunha qualquer teórico.

Não se trata de ver o e-book apenas como um livro impresso que foi passado para o digital, afinal já está disponível um grande número de livros, em especial de livros didáticas, que contêm vídeos, sons e jogos interativos, um exemplo disto são os e-books aprimorados, como por exemplo, o *History of Jazz* que utiliza todos estes recursos:

Figura 1 – Imagem de uma “página” de History of Jazz.



No e-book *History of Jazz*, há um sumário na parte inferior que permite a navegação não linear. Assim, pode-se acessar o início da história do Jazz ou ir àquilo que há de mais

recente. Se preferir, há outra opção sabiamente adicionada: é possível navegar por estilos. Há quem imagine que o livro digital tem apenas uma série de links que fazem o leitor “navegar” de um ponto a outro do livro, quiçá, para fora da obra.

Não se trata de adicionar vídeos ou imagens no meio dos textos, mas “navegar” usando som musical, por exemplo, é função principal deste “modo” antes ligado ao texto. Também a indústria editorial aos poucos vai sendo diferenciada da impressa, e pela primeira vez na história é possível pensar numa “edição” multimodal, ou seja, som e textos dentro de uma única “publicação”, ter diretores de arte, de música e de vídeos.

Cabe a exemplificação de uma mudança morfológica que altera o aspecto material: existe agora a possibilidade de se poder ler os comentários realizados por centenas ou até milhares de pessoas sobre uma mesma obra. Há o projeto do *Golden Notebook*. Trata-se de um romance, disponível na internet, e que foi comentado por um grupo de sete mulheres. No site, pode-se ver a estrutura do livro para o leitor *on-line*: à esquerda, tem-se o texto; à direita, os comentários.

Na questão *e-reader versus tablets*, alguns defendem a ideia de que se o leitor pretende apenas ler e nada mais, deverá preferir um leitor eletrônico. Por outro lado, se o usuário preferir mais opções como navegar na internet, acessar e-mail e outros aplicativos, a opção mais conveniente seria um tablet (KOZLOWSKI, 2012).

No aspecto material, é fundamental saber que os preços praticados pela Amazon visavam o lucro sobre seu dispositivo eletrônico de leitura, o Kindle, e não sobre os valores praticados sobre os e-books. Joe Wikert, gerente geral e publisher da O’Reilly Media, defende a ideia de que o Departamento de Justiça (DoJ) americano não está realizando bem algum à economia do livro.

No dia 10 de Julho de 2013, a Apple foi declarada culpada¹ em decisão do DoJ. Owen (2013), que acompanha o caso, destaca que a:

“Apple teve papel central facilitando e organizando a conspiração. Sem a orquestração da Apple, tal conspiração, não teria tido sucesso na primavera de 2010 [...] por meio dos acordos de agenciamento da Apple, os preços da indústria nascente dos e-books subiram, em alguns casos em 50% ou mais para um título individual. Virtualmente após uma noite, a Apple conseguiu um atrativo adicional para seu iPad e garantiu nova fonte de faturamento, e os réus [editores] anularam a possibilidade de a Amazon precificar os e-books a 9,99 dólares” (tradução nossa).

¹ O documento original pode ser lido aqui:
<http://www.nysd.uscourts.gov/cases/show.php?db=special&id=306> .

Há uma última questão que talvez seja a mais essencial e por isto está ainda em desenvolvimento nesta proposta de análise do e-book, a questão dos usuários e da cultura.

5 CONCLUSÕES PRELIMINARES

Partindo do aspecto técnico, passando pelo aspecto morfológico e chegando ao aspecto material, demonstrou-se não somente a participação de cada um, mas sua relação de interdependência para criar um novo ecossistema do livro.

As evoluções das técnicas produtivas têm permitido o florescimento de novos softwares e a concretização de novas ideias, como a interatividade de um livro digital ou um *app* para leitura. As práticas de leitura, conseqüentemente, são renovadas. A própria morfologia se altera – as páginas dão lugar a motores de busca, leitura social compartilhada, comentários *on-line*, bits e bytes. Por fim, cria-se uma nova materialidade movida por uma cultura que tem o digital como parte de seu cerne.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

CHARTIER, R. Do códice ao monitor. **Estudos Avançados**, v. 8, n. 21, maio/agosto, 1994, São Paulo.

GLEICK, J. **A Informação: Uma história, uma teoria, uma enxurrada**, Tradução: Augusto Calil, São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

KOZLOWSKI, Michael. Is a dedicated e-reader right for you? **Good Ereader**. Disponível em: <http://goodereader.com/blog/commentary/is-a-dedicated-e-reader-right-for-you/>.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

MARTIN, L.; FEBVRE, H. J. **O Aparecimento do Livro**, São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

MORVILLE, P.; ROSENFELD, L. **Information architecture for the world wide web**. 3.ed. Sebastopol: O'Really, 2006.

SHIRKY, C. "How we will read: Clay Shirky". **Findings.com**. 5 abr 2012. Disponível em: <http://blog.findings.com/post/20527246081/how-we-will-read-clay-shirky>.